

# PRIORIDADE DA MISSÃO SEM FRONTEIRAS NA FORMAÇÃO PASTORAL DOS PRESBÍTEROS

---

## Teses & Passos<sup>1</sup>

“Eu vos exorto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a oferecerdes a vossa vida em sacrifício, santo e agradável a Deus: este é o vosso verdadeiro culto. Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos, renovando vossa maneira de pensar e julgar, para que possais distinguir o que é da vontade de Deus, a saber, o que é bom, o que Deus quer e o que não” (Ro 12,1s).

Depois de refletir nestes dias os pressupostos da formação dos futuros presbíteros sob o ângulo da missão, os fundamentos bíblico-teológicos, a dimensão humano-afetiva, comunitária, espiritual e intelectual, nós nos aproximamos à finalidade desses pressupostos, que é a diaconia missionária pastoral. Os delegados da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe compreenderam o encontro de Aparecida como “uma oportunidade para que todas as nossas paróquias se tornem missionárias” (DAp 173). Eis a finalidade deste “I Congresso Missionário Nacional de Seminaristas” que propõe que todos os párocos e seminaristas se tornem discípulos missionários e que todas as nossas comunidades paroquiais sejam comunidades missionárias. Quero enfatizar o “que se tornem”, que venham “vir a ser” para servir. Ninguém nasce como discípulo missionário e, provavelmente, poucos foram suficientemente preparados para esse jeito de ser Igreja. Liturgia, catequese, direito canônico, pastoral, exegese bíblica – todas as matérias teológicas estão a serviço do “jeito missionário de ser Igreja”. Procuro em forma de teses e passos aproximar-me ao tema.

### **1. A missão é a prioridade das prioridades teológicas e pastorais**

A missão não é um *kairós*, ela é um imperativo. Não só agora, numa situação de competição entre diferentes denominações, que fazem a Igreja Católica perder, em cifras absolutas, anualmente 1% dos seus membros. Enquanto a população latino-americana cresceu quase 80 %, os sacerdotes

---

<sup>1</sup> Palestra proferida no dia 9 de julho de 2010 no “I Congresso Missionário Nacional de Seminaristas” em Brasília.

criaram apenas 44 % e as religiosas só 8% (cf. DAp 100a, rodapé 41). Esses dados são importantes para toda a Igreja Católica, porque 43% dos católicos vivem na América Latina e no Caribe (ibid.). Mas, os dados estatísticos não são a motivação principal. Nos levariam ao proselitismo e a uma “missão regressiva”. Contudo, o encolhimento estatístico não é só um dado de quantidade. É também um indicador para a perda de qualidade e relevância para o mundo de hoje.

A perda da relevância da Igreja Católica para o mundo aponta para quatro causas:

- primeiro, para a perda de plausibilidade cultural do catolicismo na América Latina (migração religiosa);
- segundo, para a falta de “meio termo” entre proselitismo colonial acoplado ao monopólio salvífico e certa confusão entre o respeito da confissão e/ou religião do outro e perda de identidade e/ou auto-estima dos batizados na Igreja Católica (relativismo!);
- terceiro, para a inadequação das estruturas ministeriais e paroquiais ao mundo (estruturas de manutenção, às vezes pesadas, questão da inclusão dos leigos na atividade missionária!) de hoje que dificultam atingir esse mundo em sua complexidade;
- quarto, para a fragilidade de uma teologia vacilante entre uma visão fundamentalista e liberal, uma ainda é juíza entre as partes em vez de ser “advogada da justiça e defensora dos pobres” (DAp 395), outra ainda não assimilou com clareza o que Aparecida propôs: “Tudo que tenha relação com Cristo tem relação com os pobres e tudo o que está relacionado com os pobres clama por Jesus Cristo” (DAp 393).

As múltiplas afirmações da “natureza missionária” da Igreja em documentos recentes não permitem concluir que essa natureza foi esquecida. Ela foi, em várias épocas e regiões do mundo, escurecida pela proximidade da Igreja ao poder que calou sua missão profética. O poder, seja expressão de regimes coloniais, imperiais, ditatoriais ou até democráticos, procurou sempre transformar a missão em ideologia e neutralizar a presença da Igreja junto dos pobres, cuja existência denuncia a violação de seus direitos e culturas. A missão como advocacia dos pobres lhe confere as características de uma prática militante.

## 2. Do proselitismo exclusivista ao respeito do Outro e à auto-estima do próprio

Até a primeira metade o século XX, Francisco Xavier e praticamente todos os missionários e missionárias eram obrigados, em nome da Igreja, a negar a possibilidade de salvação para os não cristãos. Nessa matéria, o Vaticano II trouxe mudanças substanciais. Para compreender esta afirmação, vale lembrar a Bula *Cantate Domino*, do *Concilium Florentinum*, de 1442. Esse Concílio “acredita, confessa e anuncia firmemente, que ninguém que existe fora da Igreja Católica, nem pagãos, judeus, heréticos ou schismáticos participará da vida eterna, mas que irão para o fogo eterno `que é preparado para o diabo e seus anjos´ (Mt 25,41)”.<sup>2</sup> Ao comparar essa Bula com textos do Vaticano II, percebe-se facilmente mudanças substanciais.

- a) “O Salvador quer que todos os homens se salvem” (LG 16; cf. 1Tim 2,4). Segundo o plano de salvação, a vida eterna é para todos.
- b) “Os que ainda não receberam o Evangelho se ordenam por diversos modos ao Povo de Deus” (LG 16).
- c) “O plano da salvação abrange também aqueles que reconhecem o Criador” (LG 16), muitas vezes, em religiões não-cristãs que “refletem lampejos daquela Verdade que ilumina todos os homens” (NA 2b). De ninguém, que procura “o Deus desconhecido em sombras e imagens, Deus está longe” (LG 16a).
- d) Os cristãos, diz a *Gaudium et Spes*, não são exclusivamente associados ao mistério pascal. A esperança da ressurreição “vale não somente para os cristãos, mas também para todos os homens de boa vontade em cujos corações a graça opera de modo invisível. [...] Devemos admitir que o Espírito Santo oferece a todos a possibilidade de se associarem, de modo conhecido por Deus, a este mistério pascal” (GS 22).
- e) Todos “que sem culpa ignoram o Evangelho de Cristo e Sua Igreja, mas buscam a Deus com coração sincero e tentam, sob o influxo da graça, cumprir por obras a Sua vontade conhecida através do ditame

---

<sup>2</sup> DENZINGER-SCHÖNMETZLER, n. 1351: *Firmiter credit, profitetur et praedicat, nullos extra catholicam Ecclesiam existentes, non solum paganos, sed nec Iudaeos aut haereticos atque schismaticos, aeternae vitae fieri posse participes, sed in ignem aeternum ituros, `qui paratus est diabolo et Angelis eius´ [Mt 25,41].*

da consciência, podem conseguir a salvação eterna” (LG 16). “Deus pode por caminhos d’Ele conhecidos levar à fé os homens que sem culpa própria ignoram o Evangelho” (AG 7a).

- f) A liberdade religiosa é um direito da pessoa humana e um pressuposto da missão. “Em assuntos religiosos ninguém seja obrigado a agir contra a própria consciência, nem se impeça de agir de acordo com ela” (DH 2a).
- g) A real possibilidade da salvação em Cristo sem conhecimento do Evangelho e a necessidade da Igreja (dos sacramentos, da evangelização explícita) para essa salvação não se excluem (cf. RMI 9, *Dominus Iesus* 20b).

A missão, que abre mão dos conchavos com o poder e do monopólio salvífico, pode se tornar missão sem fronteiras.

### **3. Articular a identidade distintiva da fé com a identidade extensiva (sem fronteiras) do amor**

Até o Vaticano II, o presbítero foi marcado por hábitos que o distinguiam nitidamente dos fiéis comuns, os leigos. No contexto de uma concepção sacral da sociedade acentuava-se o caráter sagrado do sacerdócio. Na pós-cristandade produziu-se um deslocamento da religião para a esfera privada da vida social. Nessa nova sociedade, o presbítero encontra seu reconhecimento não a partir de um privilégio social.

O reconhecimento social emerge de uma mescla de autenticidade e alienação. Por um lado, o mundo exige de nós autenticidade pessoal, presença, relevância do discurso e serviço. Por outro lado, o mundo secular confunde nosso serviço com empreendedorismo eficaz e favoritismo nos limites de gratuidade e aproveitamento. Empreendedorismo e favoritismo são pedras de tropeço no seguimento de Jesus.

Já a sociedade pós-secular produz demandas ainda enraizadas na sociedade pré-moderna pelo preço da regressão a atitudes alienantes e neoclericais que infantilizam novamente os fiéis e verticalizam o poder do sagrado. Os presbíteros midiáticos, que representam, muitas vezes, o individualismo pós-moderno, têm dificuldade com a colegialidade que a paróquia “comunidade missionária” exige. Ao apelar às emoções e aos aspectos alegres do cristianismo, calam-se sobre a cruz de Cristo. Quem

numa sociedade marcada pela desigualdade não aponta para as causas dessa assimetria social e não sabe articulá-la com o pecado pessoal e estrutural não presta um serviço real aos pobres nem segue os imperativos do Reino.

Os diferentes setores do mundo paroquial, por vezes, querem que os padres sejam piedosos como frei Damião, dedicados como padre Cícero, proféticos como Pedro Casaldáliga e ingenuamente carismáticos como Marcelo Rossi. Como articular essas diferentes expectativas com querigma, diaconia e com pequenas ilhas de privacidade?

Não é fácil ser presbítero na sociedade e na Igreja de hoje. O Vaticano II já previu que aos padres cabem “na renovação da Igreja de Cristo, tarefas da maior responsabilidade e assim de crescentes dificuldades” (PO 1). Como ser sacerdote adulto e manter espaços vivenciais de individualidade sem cair nas ciladas do individualismo? Como superar perspectivas meramente paroquiais e ser cidadão de um mundo complexo e sem fronteiras? Como fomentar comunhão e participação presbiteral em nível local, regional e universal? Como exercer “o ofício sacerdotal em favor dos homens e em nome de Cristo” (PO 1)? Como ser devedor a todos, mas, de modo particular, aos pobres e mais humildes, “aos quais o próprio Senhor se associou e cuja evangelização é dada como sinal da obra messiânica” (cf. PO 6)? É possível ter identidade, que significa também ter limites, e ter uma missão sem limites e sem fronteiras? A partir da nossa identidade temos a coragem de construir um mundo sem fronteiras. Estamos no mundo sem ser do mundo. A partir da nossa fé, que nos distingue de outros credos, religiões e crenças, e que, como fé, inclui e exclui, temos uma missão de amor e esperança, uma missão sem fronteiras, até os confins do mundo e do tempo.

A especificidade da nossa fé recebemos da Igreja. Nessa Igreja exercemos o ministério sacerdotal. O sacerdócio é o sacramento síntese a serviço da unidade. Como se relaciona o sacerdócio comum (cf. LG 10) do Povo de Deus a cuja pertença todos são chamados (cf. LG 13) com o sacerdócio ministerial dos presbíteros? Aparecida recorre ao Vaticano II, que “estabelece o sacerdócio ministerial a serviço do sacerdócio comum dos fiéis, e cada um, ainda que de maneira qualitativamente diferente, participa do único sacerdócio de Cristo” (Dap 193, cf. LG 10). O sacerdócio de Cristo,

que abrange o sacerdócio comum de todos os batizados e o dos ministros ordenados, continua e se atualiza pela doação da vida para o mundo, em ambas as esferas, pela encarnação ou inculturação no mundo do outro e pelo respeito à realidade do povo local.<sup>3</sup> Os conceitos “Igreja Povo de Deus”, “comunidade evangelizadora”, “sacerdócio comum dos fiéis” poderiam ofuscar o papel específico do presbítero na Igreja. Seguindo as inspirações de Puebla (660-720) e alguns documentos do Concílio, o 1º ENP enfatiza os seguintes itens, que ainda hoje são válidos, para o ministério específico do sacerdote:

a) O ministério presbiteral está associado ao ministério episcopal e ninguém pode exercer autenticamente o ministério presbiteral fora da comunhão com o presbitério (cf. RH 5).

b) O ministério presbiteral é um dom ou graça conferido pelo sacramento da ordem para a evangelização e para a edificação da Igreja. Não existe um “direito” da pessoa a se tornar presbítero, mas uma “vocação”, um chamado de Deus que vai se confirmando com a ajuda da comunidade eclesial presidida pelo bispo, bem como dos formadores para que alguém se torne, pela ordenação, um ministro ou servidor da mesma comunidade.

c) O sacerdócio, em virtude de sua participação sacramental com Cristo, está, pela Palavra e pela Eucaristia, a serviço da unidade da comunidade. O ser e agir do presbítero referem-se, na identidade do seu serviço, à Eucaristia, raiz e eixo de toda a comunidade (cf. DP 661s). A comunidade encontra no presbítero uma presença do Cristo servidor, responsável pelos seus irmãos e que com eles partilha o pão da Palavra e da Eucaristia.

d) A função do presbítero que age “*in persona Christi*” (LG 28) não o separa da comunidade dos fiéis, dos quais permanece irmão (cf. PO). O presbítero não monopoliza as múltiplas funções e os diversos serviços necessários à evangelização e à vida comunitária, mas os coordena e impulsiona.

e) O papel específico do ministério presbiteral não está em tarefas que a Igreja tenha reservado unicamente ao padre, mas na autoridade e na função de direção que a Igreja atribui ao presbítero pela ordenação sacramental, invocando sobre ele o “espírito de governo e de conselho”. O caminho que o 1º ENP, de 1985, propõe é o “reencontro do primado da

---

<sup>3</sup> Cf. CNBB/CNC. 2º ENP. *Ser padre*. Novos desafios para uma vocação que permanece. 1987, p. 32.

evangelização e a concentração do ministério presbiteral na dinamização de uma comunidade eclesial toda ministerial e toda evangelizadora".<sup>4</sup> Isso exige passar da concentração do poder para a descentralização de serviços.

#### **4. Os dois focos da missão sem fronteiras: êxodo geográfico e ruptura ideológica**

A identidade do Povo de Deus e, em particular, da comunidade missionária constitui-se na saída, no êxodo, na experiência de Deus a caminho, no diálogo salvífico com outros povos e grupos sociais. Como seguidores de Jesus, que é o Caminho, sempre estamos de saída. Este êxodo significa despojamento, encarnação, inculturação, conversão e gratuidade no meio dos crucificados da história. A missão sem fronteiras se realiza nos confins do mundo e no meio de nós. A missão sem fronteiras tem dimensões geográficas, ideológicas, culturais e sociais.

Ao *êxodo* da "propriedade" (daquilo que é meu, cultura e bens materiais) corresponde um *eisodo*, um pedido de hospedagem na casa e terra do outro e das outras, contextualização e inculturação. A missão sem fronteiras procura ser resposta às perguntas latentes e aos gritos abertos do mundo. Nossas respostas a esses gritos não são "técnicas", mas evangélicas. Nossa linguagem que fala através de imagens e sinais aponta profeticamente para transformações estruturais, sem poder realizá-las. Todas as suas pequenas ações, porém, são expressão de misericórdia e justiça de Deus e tem um valor simbólico e um significado integral (corpo, espírito, mente, alma; indivíduo e coletividade) que anima a caminhada e fortalece a esperança na possibilidade de uma vida plena. A missão sem fronteiras se realiza na transformação e transfiguração diárias da morte real e na responsabilidade salvífica integral pelos outros e pobres. Nesta perspectiva, "missão continental" não significa que a missão sem fronteiras se realiza dentro dos limites do continente, mas que o continente se prepara para assumir a sua responsabilidade missionária nas duas dimensões: nos confins do mundo e no meio de nós.

O Deus, que ouve o grito dos pobres, que está conosco no centro dos conflitos, nos envia em missão à periferia do mundo para que não haja mais

---

<sup>4</sup> Ibidem, p. 26.

centro nem periferia. Ao envio precede a convocação ao êxodo. A missão que se propõe ser e anunciar “boa notícia aos pobres” procura, necessariamente, desintegrar-se do sistema que produz o sofrimento dos pobres, procura desintegrar o sistema e, positivamente, recuperar a memória dos oprimidos. O anúncio da Boa-Nova “desafina o coro dos contentes” (Torquato Neto) e desgoverna a nau dos adaptados que se contentam com o pouco que o gozo regressivo à fase oral (Freud) via consumo e acumulação oferece.

### **5. Onde falta a missionariedade, falta eclesialidade**

A “natureza missionária” da Igreja não é uma “questão disputada” ou negociável. Em seus desdobramentos, em sua mediação e prática histórica, porém, ela é sujeita a discernimentos, discussões e negociações, como é facilmente verificável ao compararmos os escritos de José Anchieta com o diário de Vicente Cañas, martirizado, em 1987, como defensor do povo Enawene-Nawe, no rio Juruena/MT.<sup>5</sup> A missão tem a sua *origem* na missão do Deus trinitário (“missão de Deus”) e sua *finalidade* na salvação da humanidade: “Para que tenham a vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

A missão é a exogamia eclesial. Onde ela falta se instalam relações incestuosas na comunidade eclesial. O Vaticano II apelou à natureza missionária da Igreja peregrina em razão de “sua origem na missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio do Pai” (AG 2; DAp 347). A missionariedade como segunda natureza não pode ser compreendida como apelo ou lembrança do ser, mas como um imperativo à prática e ao aprendizado. As pessoas não nascem cristãs, se tornam cristãos; os cristãos não nascem missionários, se tornam missionários, essencialmente através do batismo pelo qual “são incorporados no mistério pascal de Cristo” (SC 6) e introduzidos na Igreja Povo de Deus (cf. PO 5; LG 14), e existencialmente através do nosso jeito atrativo e convidativo de ser. Por conseguinte, a natureza missionária não é uma natureza biológica. Ela é um jeito cultural, portanto, apreendido no processo de socialização cristã. Ela é resultado de

---

<sup>5</sup> Cf. SUESS, Paulo. Eles vieram para salvar almas, em: *História Viva*, Edição Especial temática n. 2 (A Igreja Católica no Brasil), p. 9-15, aqui 10s.



um cultivo (socialização familiar, catequese escolar, aprendizado cultural) depois da passagem batismal para a nova vida em Cristo.

Os imperativos da missão evangelizadora foram forjados por uma nova eclesiologia.<sup>6</sup> O fundamento eclesiológico não é mais a categoria jurídica de sociedade da era pós-tridentina, mas a noção bíblico-patristica de mistério. A Igreja, em sua origem é situada no horizonte maior do desígnio salvífico universal do Pai. O desígnio salvífico se desdobra desde a Criação até a Parusia e se realiza historicamente nas missões do Filho e do Espírito. A referência cristológica se alarga, horizontal e verticalmente, na totalidade do mistério de Cristo em sua preexistência, em sua encarnação, existência histórica, morte e ressurreição.

A relação com Cristo garante à Igreja seu caráter visível e histórico; sua relação com o Espírito lhe garante a fidelidade a Cristo na diversidade desafiadora dos tempos e das culturas, que representa “uma preparação evangélica” (LG 16). Na “unidade do Espírito Santo” ocorre a renovação permanente de seus membros e de suas estruturas. A Igreja aparece, assim, como “o povo reunido pela unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (LG 4). Se, no nível de sua realidade mais íntima, a Igreja é um mistério de comunhão, cuja origem é a Trindade Santa, no nível de sua estrutura social, a Igreja é Povo de Deus, povo da nova e definitiva Aliança, em sua unidade trinitária. A expressão “Povo de Deus” articula a caminhada do Israel das promessas com a caminhada do Novo Israel, da Igreja, na plenitude dos tempos.

## **6. A comunidade paroquial é uma comunidade missionária de acolhimento e envio**

A comunidade paroquial é uma comunidade missionária que zela por espaços diferenciados de acolhida e de envio. Cada um que procura os espaços paroquiais é bem-vindo. O pobre é sempre esperado, o outro recebido com amizade, o aflito consolado com carinho. Todos são imagem de Deus no mundo. Ninguém chega fora de hora. Nesta prontidão, a comunidade paroquial missionária vive a vigília pascal.

---

<sup>6</sup> Cf. CNBB/CNP. 3º ENP. *Presbíteros, fraternidade e serviço*. Documento Final, Itaiaci-SP, 1989, p. 24-28.

Os pobres que nos procuram são convidados para ajudar a melhorar a qualidade do serviço prestado pela equipe e participar de um processo de pastoral missionário em andamento. A paróquia é um laboratório permanente da missão sem fronteiras.

Os problemas são oportunidades para o crescimento. Os problemas são bem encaminhados no momento em que o visitado cresce e o visitante começa a descobrir sua potencialidade evangelizadora e assumir um serviço comunitário como sua missão.

A qualidade do serviço fraterno consiste em proteger a vida em todas as suas dimensões e gerar vida nova, onde a morte passou por perto. A comunidade missionária vive o serviço da "qualidade total" na doação e celebração eucarística da vida, na partilha dos bens, na simplicidade transparente, na criação de imagens de esperança e sinais de justiça, na diversidade respeitada e na animação alegre do Espírito que é o Pai dos pobres.

## **7. Da formação para a missão à formação na missão profética**

O caminho da roça, que os padres de ontem ainda bem conheciam, porque desde cedo foram levados pelos pais para ajudar na roça, os jovens presbíteros de hoje, provindos de contextos urbanos, já não conhecem mais. Tampouco conhecem o caminho da fábrica, o caminho da mãe diarista, o caminho do irmão porteiro ou taxista, o caminho do pai divorciado que passou para outra cidade.

Existem múltiplas filosofias como deve ser um seminário. Uns opinam que deve ser inserido no contexto dos pobres, outros acham que deve ser protegido dos perigos espirituais; uns querem uma casa de retiro outros preferem uma casa aberta à vida do respectivo bairro. Uns lutam pelo pequeno seminário e outros pela casa grande. Alguns bispos enviam seus seminaristas para seminários gratuitos, gerenciado por algum movimento generoso, outros preferem o seminário da enxada. O critério deve ser evangélico!

O melhor seminário é aquele onde se aprende viver em comunidade, respeitar as diferenças, amar o povo simples, cultivar os valores que cada um traz de sua casa, onde se sabe "viver na penúria e viver na abundância. Aprendi a viver em toda e qualquer situação: estando farto ou passando

fome, tendo de sobra ou passando falta. Tudo posso naquele que me dá força" (Fil 4,12). O melhor seminário, o seminário sem fronteiras, é aquele onde se aprende carregar o fardo do outro sem cobrança, a prontidão para o perdão recíproco e a doação da vida pela causa do Reino.

A formação para a missão acontece na missão e a missão acontece no seminário. No seminário aprendemos questionar a fronteira do tempo. No seminário temos tempo para Deus. Quem não tem tempo para Deus tampouco tem tempo para os pobres, para os colegas ou para o povo. Recentemente, um cacique dos bororo queixou-se sobre os padres que visitam sua aldeia. "Antigamente", disse ele, "os padres vinham no lombo do burro, ao menos duas vezes por ano. Ficavam alguns dias na aldeia e ensinavam a gente. Hoje, eles têm carro bom e chegam apressadamente. Quando chegam, vêm só para rezar missa. Não pernoitam mais. Voltam logo para sua casa". Também na cidade ninguém tem tempo. Ninguém tem mais tempo para perder. Será que aprendemos no seminário a perder tempo com os bororo, na favela, no cortiço ou no asilo?

O seminário pode ser uma casa sem fronteiras, mas não sem identidade. E nessa casa aprendemos algo sobre a auto-estima a partir da nossa fé, sobre a contingência do nosso nascimento nessa fé e sobre o respeito por outras contingências. Como podemos viver essa missionariedade interna, caseira e sem fronteiras *ad extra*, fora do seminário? Nadar se aprende na água. Rezar se aprende rezando. Não nascemos "sendo"; nos tornamos o que a cultura, em nosso caso, o seminário ou a família, nos permitiram que venhamos a nos tornar (Jurandir Freire Costa). Não nascemos discípulos missionários. O seminário é uma oportunidade. O seminário é um laboratório missionário, não só pelos estudos, que são importantes, mas também pela prática. A missão não é apenas tema de aulas, mas prática pastoral. A missão sem fronteiras tem a sua raiz naquele Deus que se encarnou e espojou no mundo, sem ser do mundo. O seminário é uma escola de diálogo, uma oportunidade de lidar com o diferente, uma casa de despojamento que acolhe e envia, acolhe pessoas dispostas para trabalhar (e corrigir) as suas fronteiras e visões caseiras. Todos trazem alguns preconceitos das suas casas, preconceitos culturais e de classe social. O seminário é um lugar que nos liberta do dogmatismo dos que nunca saíram de seu mundo e já tudo sabem.

Podemos compreender os nossos seminários como casas de formação na missão para a missão? A missão sem fronteiras precisa ser ativada dentro e fora de casa. Podemos-nos imaginar um letreiro na porta do seminário com as seguintes indicações: "Seminário Católico para a Missão sem Fronteiras"? O que podemos fazer para aprofundar esse caráter missionário do seminário, para transformá-los de casas de reclusão em casas estratégicas de militância missionária? Militância missionária porque a missão sem fronteiras nos aproxima dos pobres e necessitados e de suas lutas por justiça no meio de nós e nos confins do mundo. Toda a missão, por falar de Deus justo, é profética. A tarefa profética supõe correr risco e, por vezes, até martírio, solidão e luta. Pela causa do Reino nos encontramos na contramão da monocultura das conveniências. Entre planos e dons, trajetórias e rupturas, a vida se revela a cada dia frágil e nova, fragmentada, e no fragmento, simples e inteira.

### **Superando fronteiras**

O mundo de hoje necessita do "sacerdote elementar", não do virtuoso com dons extraordinários. O presbítero elementar é o padre de bom senso, que tem o dom de priorizar as tarefas e de "elementarizar" a fé no meio dos desacreditados e dos que não acreditam mais em si mesmos; o dom de dizer com poucas palavras e gestos elementares a razão de sua esperança aos desesperados; o dom e a força de abraçar aquela parte da humanidade que o mundo competitivo considera descartável. Essa fé não é redutiva, mas elementar. Abre um caminho elementar na complexidade cultural das nossas paróquias, na selva de documentos eclesiais e prescrições canônicas, no meio dos anseios infantis por uma Igreja ideal e por um Deus mais explicável.

O sacerdote elementar é um sacerdote bem relacionado com as pessoas, com Deus e com a Igreja. Ele conhece a natureza humana, administra sacramentalmente a misericórdia de Deus e sabe, que não toda a misericórdia divina passa por suas mãos. Como o sacerdote elementar consegue viver numa sociedade pós-moderna, cujos padrões éticos estão permanentemente em transformação? Como pode anunciar a palavra de Deus fora dos padrões inflacionários de propaganda e marketing? Como

pode edificar a Igreja como comunidade, instrumento e mistério? Como o sacerdote elementar experimenta, vive e anuncia Deus que é justiça e graça?

A missão sem fronteiras pode ser resumida em duas palavras: *universalidade* do horizonte e *essencialidade* do agir missionário. A universalidade da criação e da graça redentora faz parte do destino universal dos bens (cf. DAp 125). Aparecida fala de uma “cidadania universal na qual não haja distinção de pessoas” (DAp 414). Essa universalidade tem suas raízes na *essencialidade* do ser missionário que se realiza em todos os contextos e ministérios da Igreja local. A missão coloca-nos universalmente em contexto.

O que mantém viva a vocação sacerdotal é o fato de o sacerdote estar com o povo e as comunidades nas encruzilhadas da vida. Quantas vezes vocês serão chamados para colocar na criança a “primeira camisa” do batismo! Quantas vezes sereis chamados para aquelas pessoas que vestiram a “última camisa”, quando ilustração e razão, dinheiro e prestígio deixaram o barco! Quantas travessias acompanhareis para dizer o parabéns aos nubentes, o *talita kum* aos doentes (lavanta-te!), o “paz e bem” aos aflitos e o perdão aos pecadores! Nessas travessias, não só representareis mas tocareis o Ressuscitado revestido com sua glória e suas chagas.

Na ressurreição, a paixão de Jesus não se tornou passado. Está presente em suas chagas. O “êxodo”, que prometeu *um* caminho incerto, tornou-se “trânsito”. “Eis a Páscoa, eis o trânsito!” resumiu Santo Agostinho, paixão e ressurreição de Jesus.<sup>7</sup> Nesse “trânsito”, o “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29), tornou-se Caminho (cf. Jo 14,6).

Ser testemunha da Ressurreição e do Caminho era o critério da escolha de Matias, que substituiu Judas (At 1,21). Testemunhar o ressuscitado é o imperativo e a graça da nossa vocação e o núcleo semântico da nossa missão evangelizadora. Ao acompanhar outros na travessia, iniciamos sempre novamente o nosso próprio trânsito. A saída das crises de identidade e desânimo encontramos na dedicação ao Deus incógnito nas pessoas; este Deus do trânsito pascal que nos chamou, nos

---

<sup>7</sup> Comentário ao Evangelho de S. João (Jo LV 1 CC 464).

chama novamente, nos acorda e acompanha na missão sem fronteiras que aponta para o infinito.

*Paulo Suess*

[www.suess@uol.com.br](mailto:www.suess@uol.com.br)  
<http://paulosuess.blogspot.com>  
(Brasília, 9.7.2010)